

O etnocêntrico Lenine Póvoas

Eduardo Mahon²⁵

Dentre todas as obras de Lenine de Campos Póvoas, provavelmente *Cuiabanidade* seja a que mais revele os conceitos e sentimentos do intelectual sobre a própria terra. Longe da objetividade de memorialista que se alinhava com as técnicas de inventário expositivo de sua historiografia, o conjunto de artigos que forma o opúsculo *Cuiabanidade* indica ao leitor o lugar de fala que Lenine pretendeu, com sucesso, reivindicar. Do jornalismo ao direito, do direito à memória, da memória à cultura, a trajetória do centenário pesquisador institucionalizou-se definitivamente ao ingressar na Academia Mato-Grossense de Letras e no Instituto Histórico e Geográfico de Mato Grosso.

Seria ele o sucessor de um conjunto de “valores fundantes”, insertos numa espécie de catecismo de D. Aquino e do conjunto de intelectuais que se destacou a partir das primeiras décadas do século XX. A tríade Aquino-Mesquita-Virgílio foi responsável pela formação do imagético regionalista, centrado em Cuiabá, tomada como “berço civilizatório” que irradiaria um modelo para os mais distantes rincões sertanejos. Portanto, Lenine coloca-se como herdeiro e defensor de antigas noções de *cuiabanidade*, responsável por conservá-la frente aos intrusos, forasteiros, invasores, verdadeiras hordas bárbaras que teriam tomado a capital mato-grossense de assalto a partir da década de 60.

Cuiabanidade foi, a um só tempo, continuidade dessa leitura etnocêntrica, alinhamento ideológico com a elite intelectual e, de outro lado, reação emotiva insuscetível de maiores filtros. Tratava-se de responder ao hiato que, hipoteticamente, formava-se na cultura cuiabana a partir das “invasões sulistas”. Na época, argumentava-se que,

²⁵ Eduardo Mahon é advogado, escritor, mestre e doutorando em Estudos Literários, membro da Academia Mato-Grossense de Letras e do Instituto Histórico e Geográfico de Mato Grosso.

frente à chegada dos migrantes, o cuiabano sentia-se complexado, recalcado em seus próprios hábitos primitivos. O linguajar causava constrangimento porque externava o caipirismo mato-grossense, o hábito de assuntar a pacata vida da urbe era tomado como acanhamento mental e até mesmo as festas populares eram criticadas pela modesta organização. Frente à tão sonhada modernidade, formou-se um complexo de inferioridade que costumava ser atribuído ao sulista.

Em termos de manutenção de uma imagética regionalista, *Cuiabanidade* cumpriu a missão para a qual destinou-se. Desde a fundação do Instituto Histórico e Geográfico de Mato Grosso, D. Aquino catequizava a intelectualidade cuiabana: era preciso abandonar outros temas estranhos a Mato Grosso e voltar-se para a própria terra. Ao longo dos primeiros 50 anos, formou-se uma produção endógena dominada pela crônica memorialista que cartografava a cidade desde a fundação, resgatava biografias de ilustres varões da terra, poetizava as belezas naturais e reproduzia “causos”, compondo inclusive um anedotário singular.

Foi assim de Virgílio para frente, uma espécie de baliza que passava de mão em mão até chegar a Nilo Póvoas e seu filho, Lenine de Campos Póvoas. Esse mimetismo dava-se pela reiterada narrativa histórica, plasmada nas revistas do Instituto Histórico e da Academia de Letras. Década após década, repetia-se a visão emulativa do herói bandeirante, da mestiçagem com os indígenas, do nascimento de uma nova brasilidade, de figuras ilustres da sociedade, de heróis da Guerra do Paraguai, além de centenas de necrológios relativos aos próprios membros das duas instituições mais longevas que ainda atuam no Estado.

Justifica-se a emoção de Lenine. A reação à suposta invasão deu-se por conta de uma conjunção de fatores que aceleraram as transformações de Cuiabá, reabrindo antigas feridas na autoestima local. Antes de tudo, é preciso lembrar o mito do isolamento colonial, o patriotismo resul-

tante da retomada de Corumbá aos paraguaios, a chegada da ferrovia ao sul e, finalmente, a separação do Estado de Mato Grosso a despeito da articulação cuiabana que se viu fragorosamente perdedora. Todos esses fatos somados impunham à elite cuiabana uma sensação de contínua derrota e de uma iminente agressão. Surgia um paradoxo: o desejado crescimento ameaçava a sobrevivência do *modus vivendi* de quem o reclamava.

A acelerada migração sulista, resultado de programas de incentivo do governo autoritário brasileiro, foi a gota d'água. Daí que intelectuais como Lenine Póvoas se viram obrigados a reagir. Imperioso didatizar o tema, explicá-lo em pormenores, para (re)transmitir aos contemporâneos e aos pósteros o que seria esse sentimento de cuiabanidade já descrito por José de Mesquita, fundador da Academia Mato-grossense de Letras. A cuiabanidade é o cerne da identidade local, um sentimento de solidariedade comunal que, até então, estava delineado na poesia. Diante da suposta ameaça de descaracterização cultural a partir dos anos 60, Póvoas colocou-se como sucessor de Mesquita e, portanto, tradutor do etnocentrismo cuiabano.

Os sete artigos publicados no jornal *Diário de Cuiabá* renderam uma espécie de manual da cuiabanidade. Em 1987, Lenine Póvoas lançou seu opúsculo tendo como meta dar a conhecer o espírito da terra aos “recém-chegados”, certamente porque faziam injunções que pareciam ao autor “*críticas infundadas e injustas a Cuiabá e aos cuiabanos*”. Portanto, a obra declarava-se informativa. Na verdade, *Cuiabanidade* é o retrato de uma época e, ao mesmo tempo, um eco de vozes passadas, todas pertencentes ao imaginário provinciano que se protegia das investidas alienígenas. No livro, contudo, há mais do que essa aparente xenofobia – contém uma saborosa tensão interna entre duas expressões regionais.

O primeiro artigo da série é, talvez, o mais importante. “*Sentimento de cuiabanidade*” serve para introduzir e re-

sumir o pensamento de Lenine Póvoas. O texto inicia com o contraponto entre a antiga noção de “cuiabanidade” e o neologismo moderno “cuiabania”, muito usado por Silva Freire:

Pelo que tenho visto, pretendem alguns interpretar por “cuiabania” um presumível posicionamento bairrista dos cuiabanos, com características de segregação grupal, de hostilidade aos que vêm de fora e com objetivos de conservar intocáveis alguns hábitos e maneira de falar.

Se alguém pensa que isso existe, deve estar vivendo em outro planeta (1987, p. 5).

Antes de prosseguir, é imperioso pontual que o contraponto entre dois neologismos era, também, um tensionamento entre duas tendências. A primeira, mais tradicional, remetia à fundação da Academia Mato-Grossense de Letras, tempos em que vários intelectuais acompanhavam D. Aquino e José de Mesquita no uso da expressão “cuiabanidade”, que tencionava resumir um cotidiano comunal, pacífico e irreverente. De outro lado, temos o poeta Benedito Sant’Anna Silva Freire que usava “cuiabania” como uma forma de fusão de raças, filtro civilizatório, síntese inovadora e futurista.

Entrechocavam-se, já de início, duas visões distintas que significavam mais do que uma mera interpretação divergente – diziam respeito a tendências literárias, históricas, sociológicas mutuamente excludentes. Silva Freire, um dos fundadores do Movimento Intensivista, juntamente com o amigo Wlademir Dias-Pino, durante anos opunha-se ao estilo literário passadista dos acadêmicos de letras. Além do mais, a “cuiabania” de Silva Freire representava uma fusão popular dos tipos tradicionais da baixada cuiabana, incluindo modos de ser e de viver das populações periféricas e empobrecidas, enquanto a tradicional “cuiabanidade” dizia respeito a uma aristocracia inventada pelas famílias do centro.

A obra de Freire dedicou-se a mapear aspectos populares da baixada cuiabana: oleiros, rendeiras, pescadores,

doceiras, um conjunto de personagens populares. Foi além. Propôs uma cartografia sentimental da cidade, um inventário memorialista rua a rua, casa a casa. Chegava aos detalhes mais prosaicos da cuiabania como, por exemplo, os pitorescos apelidos grafados nos banheiros dos bares da capital. Invariavelmente, a tônica freiriana era popular, muito embora pouco de sua produção vanguardista tenha sido compreendida pelos contemporâneos.

Lenine é o oposto. Continuemos no texto. *Cuiabanidade* prossegue a reafirmar características fortes do povo. Destaca-se a hospitalidade. Para tanto, faz uma listagem de famílias chegantes (nacionais e estrangeiras) que se incorporaram perfeitamente à tradição local. Nessa altura, o autor nos indica outra chave para compreender a sua noção de “cuiabanidade” – assimilação do forasteiro como condição *sine qua non* para a aceitação e integração na sociedade:

Para nós, CUIABANO não era apenas o que nascia na nossa cidade, mas também aquele que aqui se estabelecia, com “ânimo definitivo”, compartilhando conosco das dificuldades da vida de uma urbe tão isolada e tão distante dos grandes centros do país e desfrutando conosco das delícias de uma comunidade solidária e hospitaleira.

Os estrangeiros que no século passado e no atual vieram para Cuiabá de tal forma integraram-se ao meio social que se sentiram como se pertencessem a uma só família. (1987, p. 7).

Essa passagem é de uma riqueza semiótica substantiva. Inicialmente, Lenine usa o “nós” para identificar o cuiabano, grafado no singular e em maiúsculas. O uso do pronome possessivo ao se referir a Cuiabá é ambivalente por projetar uma ideia de compartilhamento e de posse. De qualquer forma, a forma do discurso é paradoxal em relação ao conteúdo, uma vez que se há mesmo essa noção tão harmoniosa de integração com o migrante na formação da cuiabanidade, o “nós” seria completamente dispensável,

assim como todos os pronomes possessivos que o autor se vale para se referir às tradições da cidade.

Nessas nuances, o leitor antevê a tensão entre o “nós” e “eles”. A cidade ressentia-se do complexo de inferioridade quanto aos “grandes centros do país” e pretendia afirmar que havia talento, cultura e produção. A integração narrada por Lenine parece tão harmoniosa que conduz à formação de uma “família”. Quem ficava poderia gozar das delícias de um éden sertanejo, acessível somente àqueles que detinham os códigos corretos, ou seja, a adesão ao sentimento regionalista e o profundo respeito pelos hábitos locais.

Todavia, a questão não se resume à análise do discurso. O mérito da fala de Lenine alinha-se ao pensamento de D. Aquino e de José de Mesquita. Noutras palavras: a sociedade instalada desde os tempos coloniais teria o discernimento para identificar quem quer se “cuiabanizar”, isto é, assimilar os valores regionais. Os chegantes que não firmassem residência “com ânimo definitivo” e compartilhassem do imaginário tribal, não seriam incorporados.

Portanto, há dois tipos de migrantes. O que chega e fica e o que chega e volta. Nessa bifurcação, surge outra figura que antagoniza com o migrante bem-intencionado – o pau-rodado. Em resumo: a sociedade cuiabana é hospitaleira porque abre a possibilidade do migrante assimilar suas tradições, mas se defende dos rebeldes. Não foi Lenine Póvoas que cunhou o termo pejorativo, mas tudo em Cuiabandade reagia contra o pau-rodado que teimava em não ver os méritos supostamente evidentes.

Para entender esse binômio, é preciso lembrar do célebre poema “*Paus Rodados*” de D. Aquino Corrêa. Nele, o poeta faz uma distinção: há chegantes mansos que se fincam na terra e aqui brotam seus pósteros, mas outros são paus rodados que chegam na correnteza, procurando a ruína local. Os primeiros têm o que Lenine indicou como “ânimo de fixação”, isto é, vontade de assimilação/aclimatação, enquanto os segundos resistem em abandonar suas originá-

rias formas de vida e pretendem regressar. Por isso mesmo, José de Mesquita dizia que o cuiabano se defende de forma virulenta dos oportunistas, rechaçando-os com o típico humor cuiabano, igualmente documentado por Gervásio Leite, Dunga Rodrigues e Silva Freire.

Como já comentado, a “cuiabanidade” é um conjunto imagético pertencente ao conjunto de famílias do centro, não da periferia. É aí que reside a diferença entre os neologismos usados por Lenine e por Silva Freire. Na tradição etnocêntrica, oriunda da virada do século XX, não havia espaço para as comunidades ribeirinhas, para religiões de matriz africana, para personagens anônimas da pobreza urbana. A “cuiabanidade”, por conseguinte, consiste num sentimento partilhado na sociedade culta, formada no lento amálgama dos melhores, dos escolhidos, dos destacados. Não seria justo, portanto, enxergar o “tipo cuiabano” e concluir açodadamente como jeca simplório com base na experiência com gente de classes inferiores:

Pretender-se querer insinuar que a maneira de falar de uma pequena parcela – a menos letrada – da gente cuiabana seja prova de incultura do povo é uma estupidéz igual a de quem pretendesse nivelar a cultura dos paulistas pela dos “boias frias” cortadores de cana de Piracicaba ou Sertãozinho (1987, p. 18).

Compreende-se perfeitamente a mentalidade de Lenine Póvoas. O jurista, jornalista e memorialista foi um dos muitos que cursaram o ensino superior fora de Cuiabá. Na juventude, a intelectualidade mato-grossense socorria-se das faculdades do Rio de Janeiro (então Capital Federal) ou de São Paulo, retornavam e já assumiam postos de alta visibilidade social. Foi assim com Aquino Corrêa que voltou de Roma doutor em filosofia e teologia, com Mesquita que regressou da tradicional faculdade de Direito do Largo de São Francisco e, mais tarde, com Lenine Póvoas que se apresentou na terra natal com diploma pela Faculdade Nacional de Direito.

A noção de “cultura” dos “letrados” é a exibição erudita de salão, não as manifestações populares de terreiro. O piano era o domínio de Zulmira Canavarros e de Dunga Rodrigues, a oratória era o forte de D. Aquino Corrêa e de Virgílio Corrêa Filho, a genealogia era o campo de José de Mesquita, todo um conjunto de valores urbanos e importados das grandes capitais que, por sua vez, sofreram influência europeia. Lenine desejou mostrar o lado nobre da sociedade cuiabana: os banquetes refinados, as festas de gala com *smoking*, as quituteiras de doces e bolos delicados, o vestuário alinhado de homens e mulheres.

A cultura de elite também não se podia refletir no linguajar. A forma de falar que causava espanto aos migrantes foi rejeitada pelo autor. Lenine alerta sobre a distinção que os chegantes deveriam realizar entre “o cuiabano” e as classes populares. Os comentários maldosos dos migrantes estariam equivocados porque:

[...] apenas comprovam, mais uma vez, o que tenho afirmado de que alguns neófitos interpretes da “sociologia cuiabana”, vêm as cousas através de uma ótica caolha, ou só enxergam um lado da moeda.

Para eles, cuiabano é o homem iletrado, de míseros recursos, que sempre viveu pela periferia da cidade e à margem da nossa vida econômica e cultural.

Sem ligações com a classe média e alta sociedade local, pensam conhecê-la através do único contato que estabelecem logo que aqui chegam: as empregadas domésticas.

Aquilo que estas pobres colaboradoras das donas de casa dizem e fazem, para alguns recém-chegados dotados de reduzido senso de observação, é o que o CUIABANO fala e faz (1987, p. 21-22).

De certa forma, Lenine está rigorosamente correto. O migrante sem contato com a *high society* local não consegue perceber as nuances. De fato, os trabalhadores pobres que moravam nas periferias traziam consigo o linguajar

característico dos ribeirinhos e dos moradores de zonas rurais ou distantes do centro da cidade. O “CUIABANO” de Lenine, assim no singular e em maiúsculas, não era o iletrado, o pobre e o periférico. Estava muito distante do que as empregadas domésticas apresentavam.

Mas não nos enganemos. Lenine Póvoas não era o único cuiabano que pensava desta forma. Ele vocalizava um conjunto de valores hegemônicos de uma época que surgiram antes dele e se desdobraram ainda muito tempo depois. Somente no final da década de 80 é que surgiu um movimento social intitulado *Muxirum Cuiabano*, criado pelos irmãos Calháo, cuja tônica era trazer elementos populares para o centro do debate. O complexo cultural ribeirinho (viola de cocho, ganzá, mocho, o siriri, o cururu, o uso da chita colorida, os cantos religiosos, o artesanato em barro, tapetes e redes etc.) foi não só trazido para as reuniões no salão nobre da Academia Mato-Grossense de Letras, como também foi colocado em destaque no debate que se travava à época.

Em *Cuiabanidade*, muito embora não seja o opúsculo uma obra literária, podemos observar outras imagens caras ao regionalismo mato-grossense que resumem a maior parte da nossa literatura: 1) o mito do isolamento e do abandono; 2) a centralidade cuiabana; 3) a integração pacífica de raças; 4) o desejo de progresso. Há também nostalgia e culpabilização. Por um lado, Lenine ecoa as vozes do saudosismo do tempo em que a capital era uma pacata província em que os vizinhos se cumprimentavam e tomavam a fresca noturna com cadeiras na calçada. Por outro, aponta para o “elemento alienígena” como responsável pela transformação negativa. Ao encerrar o opúsculo, o autor lamenta-se: “Mas nessa altura dos acontecimentos (década de 70), já a nossa sociedade se apresentava completamente mesclada do elemento alienígena, não se podendo mais falar em hábitos do cuiabano nato” (1987, p. 28).

Como ocorre com qualquer defesa de uma cultura purista, há um paradoxo incontornável na tradicional noção de

cuiabanidade. Se, desde a época colonial, a sociedade local é formada de sucessivas migrações, como responsabilizar o migrante pela descaracterização cultural? Se a hospitalidade cuiabana é uma tônica da cuiabanidade, como lamentar a mesclagem com o forasteiro? De qualquer forma, é preciso perceber o reiterado uso do singular para se referir ao “cuiabano”, porque enfeixa no tipo cristalizado os valores que Lenine Póvoas procurava a todo custo defender com a força de sua retórica.

É claro que seria uma injustiça promover um julgamento histórico retrospectivo da análise de Lenine Póvoas. Ou mesmo de qualquer outro autor, mergulhado em conceitos e preconceitos da época. Não é nosso objetivo transpor a consciência atual para olhar o passado, condenando retroativamente o pensamento do século XX. Mais importante é divisar as formas de expressão pela qual se cristalizou um conceito e de que forma esse conceito se transformou ao longo do tempo. Para cumprir esse percurso, *Cuiabanidade* é de fundamental importância.

A obra é um libelo. Um discurso de ataque e de defesa, bem ao gosto dos juristas da época. Tratava-se de provar a resistência cultural de Cuiabá, a autenticidade das expressões locais, o valor do linguajar e dos hábitos de uma cidade em plena transformação. A forma com a qual Lenine se valeu revela o pensamento hegemônico da intelectualidade local, sempre alinhada ao poder político e financeiro. Contudo, a motivação revela a incondicional afeição pela cidade, pela memória, pela tribo que gera um indefinível sentimento solidário.

O “cuiabano” de Lenine realmente existiu, ou seja, foi criado por um imaginário secular. Ele era alguém simples, mas não simplório; hospitaleiro, porém não ingênuo; solidário, todavia não submisso. O cuiabano era o próximo, o familiar, o vizinho, alguém com o qual se convivia de forma cordial nas praças, igrejas e festas. No fundo, o cuiabano que se projeta é o cuiabano que faz a projeção do próprio

desejo. Era por esse totem que Lenine lutava: pelo direito de comemorar a própria identidade e comungar com outros cuiabanos esse inconsciente coletivo que, de vez em quando, desperta com força.

Referências

CORRÊA, Dom Francisco de Aquino. *Poética*: Edição comemorativa do centenário de nascimento do autor. v. 1. t. 3. Brasília: [s.n.], 1985.

FREIRE, Benedito Sant'Anna da Silva. *Presença na audiência do tempo*. Cuiabá: UFMT, 1991a. (Trilogia Cuiabana, 1).

_____. *Na moldura da lembrança*. Cuiabá: UFMT, 1991b. (Trilogia Cuiabana, 2).

MESQUITA, José de. *Da epopeia mato-grossense*. Cuiabá: Escolas Profissionais Salesianas, 1930.

MENDONÇA, Rubens de. *História da literatura mato-grossense*. Cáceres-MT: Editora da Unemat, 2008.

LEITE, Gervásio. *Terra agarrativa e linda*. Goiânia: Cinco de Março, 1969.

PÓVOAS, Lenine de Campos. *Mato Grosso: um convite à fortuna*. Rio de Janeiro: Guavira, 1977.

_____. *Cuiabanidade*. Cuiabá: Edição do Autor, 1987.